

POR UM PENSAR JUSTO E RESPONSÁVEL: REFLEXÕES FILOSÓFICAS A PARTIR DE THEODOR W. ADORNO

*FOR A FAIR AND RESPONSIBLE THINKING: PHILOSOPHICAL REFLECTIONS FROM
THEODOR W. ADORNO*

Eneida Jacobsen

Universidade de Villanova, Pennsylvania, Estados Unidos. E-mail: eneida.jacobsen@yahoo.com.br

Fábio César Junges

Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: fjunges@unicruz.edu.br

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v1i3.49>

Recebido em: 04.11.2020

Aceito em: 23.12.2020

Resumo: Recorrendo à compreensão de Theodor Adorno sobre *geistige Erfahrung* (experiência intelectual/espiritual), o artigo explora as condições de um pensar justo e responsável. A categoria adorniana de *geistige Erfahrung* diz respeito à experiência humana de pensamento a partir das vítimas da história. De acordo com o filósofo, uma experiência intelectual/espiritual ocorre quando conceitos são capazes de revelar sua substância experiencial, dada pela própria realidade. Argumentamos em favor da importância da experiência intelectual/espiritual, a qual é capaz de penetrar a vida em sua pervasividade, procurando vestígios de esperança em meio às sombras da barbárie que a tudo cobrem. Trata-se, em última instância, da condição fundamental para um pensar justo e responsável.

Palavras-chave: Adorno. Experiência espiritual/intelectual. Pensar.

Abstract: *By appealing to Theodor Adorno's understanding of geistige Erfahrung (intellectual/spiritual experience), the article explores the conditions of a fair and responsible thinking. The Adornian category of geistige Erfahrung refers to the human experience of thinking from the victims of history. According to the philosopher, an intellectual/spiritual experience occurs when concepts are able to disclose its experiential substance, given by reality itself. We argue for the importance of intellectual/spiritual experience, which is able to penetrate life in its pervasivity, looking for vestiges of hope among the shadows of barbarism covering everything. This is, ultimately, the fundamental condition for a fair and responsible thinking.*

Keywords: *Adorno. Spiritual/intellectual experience. Thinking.*



1 Introdução

A família dos pensamentos está repleta de anões. Sabe que os pensamentos, embora possam parecer grandiosos, jamais serão grandes o suficiente para abarcar a generosa prodigalidade da experiência humana, muito menos para explicá-la. (BAUMAN, 2004, p. 16)

Em janeiro de 1931, ao final dos procedimentos requeridos para a habilitação de docência, Adorno realiza uma preleção filosófica antecipando muitas ideias que seriam desenvolvidas apenas mais tarde. Nessa preleção, Adorno afirma a impossibilidade de um sistema de pensamento capaz de abarcar a totalidade do real. Adorno entende que nos dias de hoje se apresenta como exigência a renúncia da ilusão “de que seria possível, pela força do pensamento, abarcar a totalidade do real” (1973, p. 325).¹ Fiel a essa asserção, o trabalho filosófico de Adorno sempre foi movido pelo reconhecimento dos limites da razão, pelo reconhecimento de que a realidade é muito mais complexa que as velhas e novas filosofias fundamentais parecem acreditar.

Renunciar a um quadro fechado e bem ordenado do pensamento, dentro do qual todas as coisas são dotadas de sentido e intencionalidade, requer a disposição para retornar à vida mesma e ali tentar ouvir o que ela diz. Trata-se de um ato de coragem, pois o mundo das coisas mesmas é um mundo machucado, cuja profunda desesperança poucos olhos estão dispostos a olhar bem de perto. Trazer esse mundo machucado para dentro da reflexão para, com e a partir dele, pensar a vida, parece resumir a atitude filosófica de base que conduz toda a filosofia de Adorno. Ao mesmo tempo, é este o desafio que ele nos coloca: pensar a vida a partir dela mesma, a partir de seus próprios entrelaçamentos.

A categoria de *geistige Erfahrung* (experiência intelectual/espiritual) expressa, em Adorno, o movimento do pensamento que tem como ponto de partida o próprio mundo. De acordo com essa categoria, ocorre uma experiência espiritual/intelectual toda vez que o pensamento é capaz de interpretar as experiências concretas de mundo, seu sofrimento e sua desesperança, sem correr para as colinas de um pensamento bem-ordenado, que nada sabe sobre a vida boa, pois jamais foi capaz de ouvir os clamores da vida danificada. Neste artigo, buscamos apresentar o conceito adorniano de *geistige Erfahrung* e seus desdobramentos como condição de um pensar justo e responsável.

2 Noção de experiência espiritual/intelectual no pensamento de Adorno

A vida danificada, na qual o terror da guerra permanece oculto por uma manipulada opinião pública esclarecida, é expressão da não-experiência, de uma experiência murcha, esvaecida (*verdorrte Erfahrung*: ADORNO, 1951, p. 61), anulada em meio às massas. Segundo Roger Foster (2007), essa categoria de experiência, que tem sido identificada como central no pensamento de Adorno, recebe um contra-conceito, ainda pouco considerado nas pesquisas sobre o filósofo, a saber, o conceito de experiência intelectual ou, em outra possibilidade de tradução, experiência espiritual (*geistige Erfahrung*), que o autor contrapõe à noção empirista de experiência.

Dado que a tradução “experiência intelectual” pode parecer reforçar o papel do sujeito

1 „daß es möglich sei, in Kraft des Denkens die Totalität des Wirklichen zu ergreifen“.

que pensa em detrimento da revelação do próprio mundo, ideia a qual Adorno quer precisamente se opor por meio da noção de *geistige Erfahrung*, Foster considera mais adequada, apesar dos mal-entendidos que também possam surgir, a tradução “experiência espiritual”. Diante dessas dificuldades, seguiremos neste artigo a terminologia de experiência espiritual/intelectual.

Segundo Foster (2007), Adorno (1970c) começou a utilizar o conceito de experiência espiritual/intelectual em fins da década de 1950, ao escrever sobre o pensamento de Hegel. Nesses escritos, Adorno fala da experiência espiritual/intelectual como o conteúdo experiencial (*Erfahrungsgehalt*) da – e não *na* – filosofia de Hegel. Isso significa que não se trata de analisar conceitos enquanto instrumentos determinantes na articulação de juízos, mas sim de atentar para a força impulsionadora de fenômenos históricos e objetivos, os quais se encontram refletidos e sedimentados na filosofia. Esses fenômenos históricos e objetivos não se manifestam *em* conceitos. Pelo contrário, eles dizem respeito à incorporação de um determinado conceito filosófico em uma rede de relações extra-filosóficas, de maneira que seja capaz de revelar e ser uma compreensão (*Auffassung*) daquilo que é conceituado.

Nesse sentido, para Adorno, a tarefa do pensamento responsável consiste em “[...] organizar as palavras em torno de um conceito, de modo que a substância experiencial desse conceito se torne visível nele. Quando esse processo é exitoso, o resultado é o que Adorno denomina experiência espiritual/intelectual” (FOSTER, 2007, p. 4).² Nela, a experiência concreta e a experiência do pensamento são inseparáveis. Daí a crítica de Adorno à filosofia de Hegel: “toda a filosofia hegeliana constitui um esforço para traduzir em conceitos a experiência espiritual/intelectual. [...] Mesmo na Fenomenologia, Hegel acreditava que ela pudesse ser simplesmente descrita (ADORNO, 1970c, p. 368).³

Em verdade, todos os conceitos, mesmo os filosóficos, dizem respeito a coisas que não são conceitos (*Nichtbegriffliches*), assevera Adorno em sua *Dialética Negativa*. Conseguir expressar adequadamente o não-conceitual constitui o mérito de toda experiência quando espiritual. Fundamental é que o conceito e aquilo que ele medeia não sejam confundidos. Nas palavras de Adorno, “aquilo que a mediação conceitual revela de dentro dela, a primazia de sua esfera, sem a qual nada poderia ser conhecido, não pode ser confundido com aquilo que ela é em si mesma” (1970b, p. 23).⁴

Em suas aulas ministradas na Universidade de Frankfurt sobre a dialética negativa, Adorno explica que a experiência espiritual/intelectual vai além da experiência meramente sensória e imediata, sem, todavia, desandar em uma abstração ou subsumir em meio a conceitos técnicos (1996). A espiritualização (*Spiritualisierung*) do mundo consiste em que os objetos também possam ser vistos como espirituais, dotados de qualidades subjetivas. A eliminação das qualidades subjetivas implica na redução do objeto em objeto.

Apenas o sujeito que experiencia o mundo de maneira inter-subjetiva é capaz de uma experiência espiritual/intelectual que lhe possibilita, em uma “ascese ontológica da linguagem” (*ontologische Askese der Sprache*), como Adorno escreve referindo-se a Benjamin, “dizer o

2 “[...] To arrange words around a concept, so that the experiential substance of that concept becomes visible in it. When this process succeeds, the result is what Adorno calls spiritual experience”.

3 „Die gesamte Hegelsche Philosophie ist eine einzige Anstrengung, geistige Erfahrung in Begriffe zu übersetzen. [...] Noch in der Phänomenologie mochte Hegel glauben, sie lasse einfach sich beschreiben“.

4 „Das, als was die begriffliche Vermittlung sich selbst, von innen her, erscheint, der Vorrang ihrer Sphäre, ohne die nichts gewußt sei, darf nicht mit dem verwechselt werden, was sie an sich ist“.

indizível” (*das Unsagbare sagen*: 1970a, p. 305). O pensamento enquanto experiência espiritual/intelectual é um movimento posterior à experiência. Sua tarefa consiste em refletir sobre aquilo que foi vivenciado concretamente. “O pensamento filosófico é, nesse sentido, ‘ato segundo’; ele ‘chega mais tarde’ que as experiências, buscando refleti-las no pensamento” (MUELLER, 2009, p. 16).

2 Por um pensamento justo e responsável

Na preleção de Adorno (1973) mencionada no início deste texto, o autor inicia afirmando que quem se aventurar *hoje* pelo caminho da filosofia terá de renunciar uma ilusão: a possibilidade de abarcar a totalidade do real por meio da força do pensamento. Esta renúncia não significa pouca coisa, uma vez que esta ilusão se constituía como ponto de partida dos grandes projetos filosóficos anteriores. Trata-se, sem dúvida, de uma grande renúncia, mas não da possibilidade da filosofia *hoje*. A filosofia ainda tem futuro, mas apenas controversamente. Se a filosofia necessita renunciar a ilusão de abarcar a totalidade do real pela força do pensamento, resta a ela ainda uma possibilidade. “Apenas controversamente” a realidade pode se apresentar à filosofia, na esperança de um dia se tornar correta e justa (ADORNO, 1973, p. 325)⁵.

Para Adorno, diante do mar de desesperança, um pensar somente é responsável quando “tentar olhar todas as coisas do modo como elas se expressariam a partir do ponto de vista da redenção. O conhecimento não tem nenhuma luz, a não ser aquela que, desde a redenção, brilha sobre o mundo: tudo mais se esgota em reprodução (Nachkonstruktion) e permanece um pedaço de técnica” (MUELLER, 2009, p. 234). É preciso fazer o movimento de interpretação da realidade no sentido de perder-se irrevocavelmente no objeto, porque ela, a realidade, é muito mais ampla, mais complexa, mais profunda que toda e qualquer conceituação.

A afirmação de Adorno aponta para três elementos constitutivos de um pensamento justo e responsável. O primeiro, é a dimensão de “tentativa”, onde uma configuração e reconfiguração dinâmica e constante são condição da emergência e manifestação da verdade da realidade. O segundo é o “olhar”, no sentido que a fenomenologia tem dado para esse aspecto, mas com o diferencial de não ser para qualquer coisa ou para todas as coisas e, sim, o olhar em uma perspectiva que é o “ponto de vista da redenção” (MUELLER, 2009, p. 235). Por último, cabe reconhecer que o “conhecimento não tem nenhuma luz, a não ser aquela que, desde a redenção, brilha sobre o mundo” (MUELLER, 2009, p. 237).

A dimensão de “tentativa” permite um pensar dinâmico e constante que toma como ponto de partida a vida das pessoas, das comunidades, dos grupos, segundo suas desesperanças e vidas danificadas, buscando manifestar a verdade da realidade vivida. Se não partir dos holocaustos e de suas formas no presente, a produção científica não é responsável e justa. O segundo aspecto de uma reflexão responsável é o “olhar” que não é para qualquer lugar, mas uma perspectiva que é a da redenção. É preciso devolver o nome às coisas, deixando que elas se expressem. A realidade não é um simples objeto para a reflexão. Ela é muito mais que isso, uma vez que não pode ser abarcada em sua totalidade, exigindo um irrevocável perder-se ou abandonar-se para e com ela.

O terceiro elemento do pensamento responsável pode ser compreendido com redenção.

5 „Keine rechtfertigende Vernunft könnte sich selbst in einer Wirklichkeit wiederfinden, deren Ordnung und Gestalt jeden Anspruch der Vernunft niederschlägt; allein polemisch bietet sie dem Erkennenden als ganze Wirklichkeit sich dar, während sie nur in Spuren und Trümmern die Hoffnung gewährt, einmal zur richtigen und gerechten Wirklichkeit zu geraten“.

O movimento da interpretação e da conceituação não permanece fechado e acabado em si, mas requer um retorno para realidade em toda a sua verdade. Nenhum pensamento pode ficar numa irracionalidade diante da realidade, mas também não pode tornar-se irracional por irresponsabilidade de não fazer o retorno a sua realidade que o faz uma tentativa e olhar. “A verdade [...] fica exatamente garantida por seu encriptamento e deslocamento, e a ‘decadência’ com as condições fundamentais do humano desvela-se como história da própria verdade” (ADORNO *apud* MUELLER, 2009, p. 239).

“Dar voz ao sofrimento”, trazer o mundo danificado para dentro da reflexão para, com e a partir dele, pensar a vida, buscando interpretar os emaranhados históricos que a formam, resume o desafio desta reflexão e “é condição de toda verdade” (ADORNO, 2009, p. 24). A reflexão teórica não se dá no distanciamento para com a realidade, noção tão cara, muitas vezes, à ciência e ao pensamento ocidental, mas sim é possibilitada por situações determinadas, por contextos espaciais e temporais específicos, desde que realizada a constante memorização do passado, na perspectiva da experiência de indignação da realidade danificada.

3 Considerações finais

Adorno não *recua* diante da necessidade de abandonar o pressuposto ou o ponto de partida de projetos filosóficos passados. Pelo contrário, ele assume crítica e responsabilmente esta renúncia, percebendo que nela se encontra ainda um futuro e uma esperança para o pensamento humano. O rompimento do pressuposto dos grandes projetos filosóficos passados exige uma razão e uma filosofia responsável, a partir de dois movimentos de pensamento: o primeiro crítico, enquanto renúncia de chegar à totalidade da realidade pela força do pensamento, e o segundo positivo, enquanto preservação da “esperança de uma vez se chegar a essa realidade certa e justa” (MUELLER, 2009, p. 38).

No entender de Adorno, depois de Auschwitz, qualquer forma de pensamento que pretenda assumir sua responsabilidade para com os seres humanos, não pode fingir a inexistência desse terrível momento da história humana. O sofrimento deve ser assumido como constitutivo do pensamento, no intuito de permitir que ele se expresse. Dar voz ao sofrimento constitui o grande desafio apresentado por Adorno. Para ele, “a necessidade de permitir que o sofrimento se torne eloquente, é a condição para toda verdade” (1970b, p. 29).⁶ A possibilidade de tornar o sofrimento critério para a verdade exige uma transformação do pensamento: “nenhuma palavra que adquira sua coloração do alto, nem mesmo teológica, tem, não-transformada, alguma razão após Auschwitz” (ADORNO, 1970b, p. 359).⁷

Enfim, Adorno nos convida para um pensar justo e responsável, capaz de penetrar na carne da humanidade e, de alguma forma, com condições de despertar anseios, saudades, sonhos, desejos que alimentam esperança, renovando a disposição à resistência em meio à desesperança em que vivem tantas pessoas em nossos continentes. Na América Latina, a articulação de um pensar justo e responsável exige o pensar das dores da exclusão e da pobreza, oriundos de massacres e holocaustos silenciosamente conduzidos a cada dia.

6 „Das Bedürfnis, Leiden beredt werden zu lassen, ist Bedingung aller Wahrheit.“

7 „Kein vom Hohen getöntes Wort, auch kein Theologisches, hat unverwandelt nach Auschwitz ein Recht“.

Referências

ADORNO, Theodor W. Ästhetische Theorie. In: TIEDEMANN, Rolf (Hrsg.). **Gesammelte Schriften**, v. 7. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970a.

ADORNO, Theodor W. Minima Moralia: Reflexionen aus dem beschädigten Leben. In: TIEDEMANN, Rolf (Hrsg.). **Gesammelte Schriften**, v. 4. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1951.

ADORNO, Theodor W. Negative Dialektik. In: TIEDEMANN, Rolf (Hrsg.). **Gesammelte Schriften**, v. 6. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970b.

ADORNO, Theodor W. Vorlesungen über Negative Dialektik. In: TIEDEMANN, Rolf (Hrsg.). **Nachgelassene Schriften**, v. 4: Vorlesungen. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1996.

ADORNO, Theodor W. Zur Metakritik der Erkenntnistheorie: Drei Studien zu Hegel. In: TIEDEMANN, Rolf (Hrsg.). **Gesammelte Schriften**, v. 5. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970c.

ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: TIEDEMANN, Rolf (Hrsg.). **Gesammelte Schriften**, Band 1: Philosophische Frühschriften. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1973.

BAUMAN, Sigmunt. **O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FOSTER, Roger. **Adorno: The Recovery of Experience**. Albany: State University of New York Press, 2007.

MUELLER, Enio R. **Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.